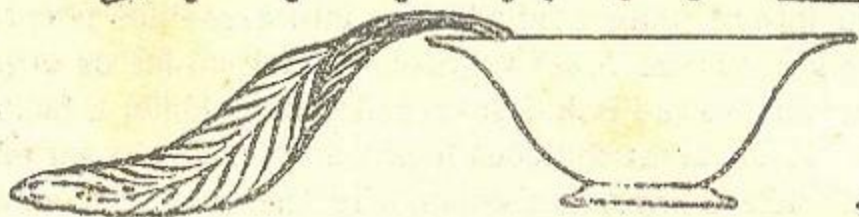




# CRÓNICA DA ARTE



## AS EXPOSIÇÕES:

16.ª EXPOSIÇÃO DE PINTURA, ESCULTURA E ARQUITECTURA  
DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

### I

Começarei pela escultura, muito bem representada, e visto ser um escultor quem, com um mármore encantador, e, sobretudo, com a sua estreia de pintor, fornece a nota sensacional da exposição grande dêste ano.

Na exuberância da plenitude, guindado aos cimos da beleza, Francisco dos Santos realizou, na *Bacante*, uma dessas obras que, desde a primeira hora, zombam do tempo, da malevolência, da incompreensão.

Estamos, gloriosamente, diante dum criador!

Só a um artista da rara envergadura dêste, se torna possível remodelar, sem a menor aparência de rebusca ou preconceito, temas em que a tradição e o lugar-comum pesam violentamente. A *Salomé*, borcada sôbre a bôca do Baptista como uma ondina luxuriosa, nada respeita dos cânones consagrados para a dançarina fatídica. Na *Bacante*, assunto freqüentíssimo em escultura, também não aflora a mínima reminiscência das suas mil e uma predecessoras.

Sem reverso, tratada como um capitel maravilhoso, num cubo de mármore lindíssimo, cujos veios escuros já deram a alguém a impressão de ter sido mordida com deleite, une o vigor à finura, a delicadeza à fôrça, interessando os olhos, função do plástico; seduzindo o espírito, missão de toda a arte.

Encurvilhada, de pernas cruzas, numa postura que a encurtia, mas não a diminui, imprimindo-lhe curvas arrojadas e pequenas inflexões graciosas, como os refegos do ventre sob o cotovêlo, embalando um molho de cachos, único símbolo dionisíaco que conserva, no seu tão atraente jôgo da carne e da pele bolem músculos — observem a acariciada palpitação da coxa! — corre o sangue — enfirmem-se nas carótidas! — vibram nervos — olhem-lhe para as mãos frementes! — e a pedra, a bela pedra jovial, onde num joelho o ressumo das uvas dá a impressão duma negra florida nos delírios da orgia, e o seio, amoroso, equivale a uma uva maior, banha-se duma tal volúpia luminosa, desprende um tão quente enlêvo



sensual, que, como irmãos dêsse escopro jocundo, se lembram os pincéis do Rubens mais alacre, e «a poesia do animal humano», a que Louis Hourticq o resumiu felizmente.

É bem um Rubens, um moderno Rubens de mármore alagado de sol, essa *Bacante*: planturosa Leda, cujo cisne trocasse em rácimos ebriantes as penas mitológicas, e que, reclinada entre a vindima, não permite que o cansaço vença o riso do seu gôzo sadio.

As outras esculturas de Francisco dos Santos — e faltam duas das mencionadas no catálogo — são *A Lusitânia nos campos da Flandres* e *Saüdade*.

*Saüdade* é um relêvo de bronze sôbre um fundo de mármore: uma cabeça feminina, de olhos baixos para uma campá, na atitude suave duma Anunciação, halada pelo recorte da pedra, talhada em nimbo.

Com o sóbrio projecto dum monumento aos legionários de Portugal na grande guerra, quis o escultor lembrar o dever de comemorar, na terra invadida, o esforço dos que lá estiveram ou ficaram. As nações victoriosas hão-de, de futuro, levar aos campos das batalhas as obras perpetuadoras dos seus artistas. Conviaria, portanto, que todas pensassem cedo na obrigação sagrada.

Austera, vigilante, a *Lusitânia nos campos da Flandres*, cuja nudez um surto viril retempera, coberta pelo casco marcial, empunhando o gládio curto, fazendo escudo da bandeira armilada, tem uma nobre rudeza e o ar de seguro desafio dos que sabem ousar para vencer. Toda a figura é bem lançada, agarra-se ao terreno com denôdo, arvorando, do flanco ao pé direito, uma linha original, que não escorre, mas, sim, ascende com firmeza.

Outro escultor que triunfa é Anjos Teixeira, um observador talentosíssimo. São todas três muito interessantes as suas varinas, bem diversas aliás.

Na que intitulou *Esperando os barcos*, há uma sólida elegância. Firmada na canastra vazia, a mão esquerda na cinta, o lenço, sob o chapéu, a escorrer pelas costas, o pé direito no rebôrdo dum degrau, esta Juno da Ribeira, sobremodo decorativa, ficaria muito bem em pleno Atêrro.

Outra, que o Museu adquiriu, *Depois da venda*, constitui um bom exemplo de escultura moderna. Na atrevida combinação de movimentos a que dá lugar o seu gesto plebeu de esfregar, de pé, o calcanhar encardido com uma escôva da casa, é inteiramente nova de atitudes, abrindo franco contraste com a compostura semi-clássica da primeira. O gêsso está bem tratado nas roupagens, e indica, quanto o vestuário o permite, o X curiosíssimo da base. Se fôsse possível ao artista despir a figura, estou certo que teríamos uma obra do mais extraordinário interêsse.

De mãos nos sovacos, seios airosos, máscara petulante, de chapéu e sogra, medalha ao peito, faixa nos quadris, a saia colhida da direita pelo vento, a terceira varina, *Maria Rosa*, tem a frescura madrugadora duma Dianazita da Esperança. É, contudo, a mais fraca, e vista de dorso, afugenta.

No *Projecto para uma fonte*, apenas esboçado, há lirismo e inventiva. Aquele beijo de namorados, sôbre a carranca que enche a cantarinha, só tem o defeito de não poder agradar aos edis.

Quando uma obra marca com o destaque da *Salomé*, de Francisco dos Santos — e à *Bacante* sucederá o mesmo — é inevitável que venha a exercer uma espécie de sugestão inconsciente. Nesta exposição, isso se comprova, não só para a primeira das obras apontadas, mas até, ainda que mais vagamente, quanto à *Nina* do mesmo autor.



Arredada toda a idea dum plágio, é manifesta a recordação da *Salomé* na *Mocidade que passou*, de Maximiano Alves. Como o Museu ficará possuindo ambas, o confronto tornar-se-há fácil.

A semelhança é, principalmente, de conjunto, pois diferem nos particulares. A figura de Maximiano Alves, subordinada ao dístico camoniano :

*Passaram horas, tempos e momentos  
Em que pudera do tempo aproveitar-me,*

é mais franzina, e nela não avulta tanto a garupa, que na *Salomé* é um achado de lascívia. O dorso cuidadosamente trabalhado, com a nuca a descoberto, a perna esquerda calcando o seio direito, muito esmerada na ilíaca região, culmina numa engenhosa combinação dos braços, mergulhados no jôrro da cabeleira. Dum, só se goza a parte superior, de modo que o antebraço esquerdo, que irrompe ao centro como um rostro amolgado, faz a mão crispada parecer uma flor de duas raízes.

O autor da *Calúnia* expõe ainda um *Nadador* elegante, destinado a um campeonato de natação, um busto frio, a que chamou *Bondosa*, e três «retratos», segundo a classificação do catálogo.

O Tio Costa Motta apresenta um *Chiado*, que a Câmara adquiriu, ouvi dizer que para a «Ilha dos Galegos», ao dito. Visto que a incaracterística figura, que tanto pode ser o ex-frade do *Auto das Regateiras*, como Colombo explicando o caso do ovo, ou outra qualquer personagem falando de banco, se não deve cansar, porque está sentada, vão ter com quem conversar, do lado oposto, os frequentadores da que Eça denominou «esquina sagrada da Casa Havanesa». E largo campo se abre assim à estatuária, que passando a monumentalizar os nomes das ruas de Lisboa, nunca mais acabará. Lembarei, como tentadores, o Fala-Só, o André Valente, o Camões do Rocio, a Madalena, a Triste Feia, a Anunciada, o Evaristo. O pior vai ser arranjar lugar para Garrett. Se os pusessem no mesmo banco ?

De Costa Motta Sobrinho há o *Alvorecer*, de que me ocupo algures, e a *Santa Família*, que, por iniciativa camarária, choutará, nas magras pernas do burrinho, até ao Campo Grande.

Júlio Vaz Júnior fraqueja na *Piedade* e no busto anódino de *D. Oliva Guerra*. A «*Ignota Dea*», porém, mantêm-lhe os créditos.

A *Aspiração*, de João da Silva, é bonita, aproveitando a tentação de Eva pela serpente, que, enroscada, entre maçãs, no pedestal de mármore, leva à nua gracilidade da curiosa, que lhe estende a mão com dissimulo, o pomo do mal e do bem. Picante de enigma, *A Última Rosa* claudica nos toscos pés. *Saúde* é uma tanagrazinha esguíssima.

Na esteira de Meunier, quanto aos assuntos, o portuense Henrique Moreira mandou um *Operário*, um *Rachador* e um *Pedreiro* desvaliosos. Nos grupos das *Vindimas* e das *Lavadeiras*, há um ou outro pormenor acertado, mas são obra de barrista e não de escultor.

Teratológicas as quatro cabeças falantes que a Sr.<sup>a</sup> D. Alice de Azevedo Ribeiro plantou numa poliédrica caixa de madeira.

Faltam, a pesar de catalogadas, as remessas da Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Glória Ribeiro da Cruz, José de Oliveira Ferreira e Severo Portela, filho.



Os restantes expositores são Leopoldo Neves de Almeida, cuja *Gigi* destaquei no número passado, António da Costa, com um medalhão do anterior, e Raúl Xavier, de quem também falei na última crónica.

## II

Na pintura, levantou celeuma o facto de Francisco dos Santos expor quadros. Não é êle o primeiro escultor que os faz, os mostra e os vende. Lembram-me, dos modernos, Falguière, Carpeaux, Paul Dubois, e o próprio Rodin, que, a propósito do fresco a executar como fundo da *Porta do Inferno*, exclamava: — «Será a minha Sixtina!»

À arte repugnam as barreiras, e a todo o artista assiste o direito de alargar a sua esfera sempre que lhe aprouver. O perigo está em um consagrado de qualquer arte se mostrar noutra um simples amador. Dá-se, então, o caso clássico do violino de Ingres.

Ora Francisco dos Santos revela-se, de entrada, um pintor de talento, sentindo a côr com supreendente instinto. Se, em vez de as assinar com o seu nome, se tem servido dum pseudónimo, andaria muita gente, a estas horas, badalando a novidade das suas telas.

Desiguais, é certo, em merecimento, não podem restar dúvidas de que, nas suas pinturas, há uma nota inédita para o meio e pessoalíssima. A' primeira vista, sobretudo por um certo chaile alaranjado, pensei em Paul Gervais, no Gervais de *Le Bain de Marbre*. Logo reconheci divergirem na técnica e no espírito; sendo, no entanto, na série dos pintores decorativos de hoje em dia que êle tem de enfileirar.

Para quem sabe um pouco o que é pintar, a circunstância dum principiante começar por um quadro de nu em tamanho natural, e, para mais, com as dificuldades de colorido que o autor acumulou nas *Rosas de todo o ano*, constitui uma prova temerosa. Direi já que, reconhecendo a maneira admirável por que está dado o corpo do modelo, em especial na face interna da coxa, é, com o seu título romântico, as suas rendas, as suas flores, o quadro que me agrada menos. A cabeça, repisada, compromete o todo.

Flanqueando-o, estão um retrato ingénuo, *No meu atelier*, que é banal, e duas saborosas notas de côr, *Camareira* e *Meditando*. Vêem-se depois, uma de cada lado, as melhores obras: *Depois do banho*, comprado para o Museu, muito realçante no busto, e, ainda mais interessante em meu sentir, o *Descanso do modelo*, dum arranjo feliz, com largueza, com ar e uma linda cabeça. Noutra sala, há *O Pintor*, um tanto fraco.

Santos emprega umas tintas suaves, e adopta tons definidos e vivos: o amarelo, o azul, o encarnado. Aloirando as atmosferas, retratando esculturas suas, prescindindo de pirotecnias vistosas, inexperiente ainda aqui ou alêm, não é favor publicar que os seus quadros, com o *Descanso do modelo* à frente, são dos que mais prendem a vista nesta exposição, bastante falha de cousas que a demorem.

Convalescente do desgosto da morte da espôsa, Malhoa, em cuja vida de magnífico trabalho cruzou uma rajada de dor tão intensa, que até lhe levou o lar e a oficina das Picoas, e o impõe mais do que nunca ao respeito de nós todos, expõe oito pequenos quadros, colhidos quasi todos na Praia das Maças, e, já agora, dos pincéis.



Dada a predilecção do artista pelo campo, revestem maior curiosidade os seus aspectos do mar, como a vigorosa *Maré-baixa*, onde se aponta ao céu a ballista duma rocha, e a *Rebentação*, flagrante de côr e movimento. Duas lindas manchas parecem obra doutro artista mais sonhador e emotivo. Há melancolia, vagueza, doloroso mistério, no *Crepúsculo*: sôbre o fundo marinho, entalada na dureza torrada dum cabeça, uma casa lívida, inquietante; uma casa-fantasma, hospedando medos ou lágrimas. Fantástico também de colorido, de impreciso, o crepuscular lugarejo, rodeado de ardida vegetação, que se intitula *Ultimos raios do sol*, e é bem digno dum grande pintor moderno.

Os outros trabalhos do autor da *Ultima Fogaça* são: *Encostas do Madrão*, *Arribas*, *Na praia* e *Entre Gerânios*, uma cabeça de garoto, esplêndida de luminosidade.

Entre os quadros de Malhoa, pendura-se a *Lisboa*, de João Vaz. O mestre marinista, que há cinco anos expusera o *Cais do Terreiro do Paço*, transferiu-se agora ao pontal de Cacilhas, para pintar numa larga tela, onde o Tejo bole e há velas alaranjadas e a laranja duma boia, o panorama, tão gabado da cidade ribeirinha. Duma grande placidez e claridade, o meticuloso trabalho atesta uma rara honestidade de processo. É pena, na verdade, que a Câmara o não recolhesse.

Veloso Salgado decai de ano para ano. É um pintor em regresso, que tem de se apreciar pelo passado. Dos seus oito trabalhos, nenhum corresponde às suas responsabilidades. Inferiores o *Efeito de sol*, *Um... Adão* e *A Várzea de Colares no mês de julho*. Na *Leitura interessante*, com as suas duas mesmas crónicas personagens, no *Para a fonte* e na *Serra de Sintra*, certas sombras são de quem sabe; mas dói ter de destacar, para um elogio menos condicional, *O Carteiro*, que, bom para acreditar um desconhecido, é muito pouco para um afamado.

Outro pintor que, a pesar de mais novo, não só estacionou, como parece andar para trás, é Alves Cardoso. Tirando o retrato azul de Melle S., apenas bem pintado, os outros seus retratos são tudo quanto há de menos artistico, a começar pelo do banqueiro Sotto Mayor, onde só vale a parecença, e cujos banalíssimos móveis estão tratados com a mesma afflictiva insensibilidade da figura do milionário. O n.º 22 é um perfeito retrato de irmandade, que, como tal, dispensaria o ser exposto. Banais também, até ao aborrecimento, *Os Pobrezinhos* e *Scena de aldeia*. Seria de aconselhar ao artista, ausente desta vez, uma volta pela *Cozinha do senhor abade*.

Armando de Lucena progrediu. A sua côr não é ainda inteiramente segura, e alguns dos seus quadros resvalam na scenografia, como *A Gruta* e, muito especialmente, *O Lago*, que puxa para pano de bôca. Nos aspectos da montanha, porém, denota certa largueza e comoção. A prová-lo o *Caminho da Serra*, *Uma encosta*, e, ainda melhor, *Tarde nublada* e *Serra da Lapa*.

De José Campas, salva-se pelo assunto, que não pela técnica, a *Procissão da Boa Viagem*. O resto é do pior que tem feito. As mãos do n.º 68 não se perdoam a um principiante. Simples cromos a *Flor do campo* e *A família do pintor Huguenin*. Sem desenho e sem côr, a pieguice da *Pastorinha fiando*, nem em papel de forrar casas ou tapete de beira de cama hoje se admite. Falho de qualquer requisito o *Retrato do engenheiro Ressano Garcia*.

Martinho da Fonseca, um pouco ingénuo nos *Irmãos*, tem dois quadros de flores agradáveis.



Carlos Bonvalot, que vai agora pensionado para França, não brilha no único retrato que expõe. Os miniaturantes quadrinhos de Cascais e Sintra, em que se esforçou, suponho eu, por imitar a aguarela, são frescos e decorativos.

Entre a falange portuense, está D. Aurélia de Sousa, a cujo delicado temperamento devemos umas *Flores ao sol* e a doce penumbra de *A Filha do Casseiro*. Sua irmã, D. Sofia de Sousa, menos dotada, assina um *Modelo em descanso*. João Augusto Ribeiro pintou com segurança a *Velha poveira*, mas descuidou-se na *Cabeça de rapaz*. Júlio Ramos, pouco brilhante. Enfastiantes, José de Brito e Júlio Pina.

De Viseu, o pintor das luminárias, Almeida e Silva, continua a exportar quadros *a giorno*. Lá estão, para pasmeira dos bemaventurados, um balãozinho veneziano aceso, *O velho artista* incandescente, e o archote da *Hora crepuscular*.

Falcão Trigoso persiste na devoção ao seu Algarve. São alegres as duas manchas de Lagos. *Baluarte florido* e *Noivar de velha* aumentam a série das suas amendoeiras e das suas epígrafes literárias.

Em três trabalhos azulados, António Saúde equipara a Bretanha à Beira Baixa, indo-lhe na peugada, a côr de rosa, José Serra da Mota, abrantino.

O serrano Abel Manta, enviou um *Ao sol*, engraçado, e dois apontamentos de Manteigas.

Outro Abel, de Portalegre, Abel dos Santos, marca o seu lugar com uns *Castanheiros* e *Santana*.

Simão da Veiga, correctíssimo, como quasi sempre, aparece com um único trabalho, *Na gradagem*.

Frederico Aires não desagrada no *A' tarde*, bem como Gabriel Constante e Portocarrero de Almeida em algumas notazinhas de paisagem.

Filho de peixe, Rui Vaz difere sensivelmente do paterno temperamento. Na sua pintura, em tons compactos e graves, predomina uma lírica tendência para a estilização. Nos seus cinco trabalhos, há talvez o germe dum pintor muito interessante.

Dos frequentadores habituais, não quiseram faltar David de Melo, com uma velhinha, nem a Sr.<sup>a</sup> D. Fanny Munró, com o seu marzinho. Ribeiro Cristino esmerou-se, quanto pode, no *Sol e Aguaceiro na Serra de Montejunto*.

A nota modernista é dada pelo belga Albert Jourdain. *As Duas Flores* são uma caricatura sentimental, conseguida com a mesma nota de vermelho nos lábios da petiza e nas pétalas da flor. Há perspectiva em *Uma rua da Ericeira*. Também da Ericeira provêm o comprido painel *Uma manhã entre as peixeiras*, onde, na multidão buliçosa, algumas figuras são sumariamente apontadas com elegância. *Depois das primeiras chuvas* tem côr. É este um pintor que, se se demorar por cá, para acabar de perder as névoas flamengas com que ainda falseia a luz portuguesa, poderá vir a impor-se.

Outro moderno, francês de todo no inexplicável quadro *Le Dessert*, e até na língua que prefere, é Manuel Jardim, de Coimbra. Dada só à superfície, com a sua rósea figura de cera, achatada contra o fundo, e com um dedo a pingar, a *Sobremesa — pardon, Le Dessert* — são três espectros de mal uns com os outros. Amassada em cimento e teijolo, *A Dama do leque — c'est-à-dire, La Femme à l'éventail* — é pretensiosamente má.

Abundam os retratos, de todos os tamanhos, feitos, sexos, profissões e ida-



des, desde a enorme oleografia do n.º 95, de Félix da Costa, e do não menos imenso doutorado do n.º 145, de Lacerda, ao postal do n.º 112, da Sr.ª D. Berta Néri Durão, ou ao *Ex.º Sr. da Academia das Ciências* do n.º 91, devido a João Cory. Ortigão Burnay e Dordio Gomes, infelicíssimos desta vez, dão-nos: o primeiro, um espanholado guardador de cisnes pretos e um luminiscente cavalleiro género Almeida e Silva; o segundo, duas banalidades. Lacerda tem ainda uma portadora de guarda-chuva. Outros não passam de ternuras familiares, como o n.º 38. *Retrato de minha irmã*, de D. Maria Elena Caldeira de Abreu Barbosa Bacellar, ou o n.º 194, de D. Maria José Rosa Rodrigues, *Retrato de minha cunhada*.

Felizmente, para atenuar êsse irrespeito da figura humana, o tema máximo, alguns outros retratos, muito poucos, a não comprometem tanto. Primaciarei o n.º 40, de Ricardo Bensaúde, talvez fatigado e um pouco falto de modelação, mas decorativo nos seus tons acastanhados, que a moldura prolonga sinfónicamente. Um tuda-nada fotográficas, não são de rejeitar as duas cabeças femininas de Francisco Camacho, sobretudo o oval do n.º 59. Manifesta-se um certo sentido do ar livre no retrato n.º 75, de Raúl Carapinha, cujas frutas merecem também menção, como não deve passar-se em completo silêncio *O Escultor Leopoldo*, de Varela Aldemira.

Quando êste espanhol conseguir libertar-se da fascinação absorvente que o Professor Columbano sôbre êle exerce, parece-me que teremos homem. Por enquanto, compreendem-se, mas não se desculpam, certos seus autênticos decalques do mestre.

*O Zé da Arruela* e *As ivas* já figuraram na exposição da Escola, e sucede o mesmo a alguns trabalhos de outros principiantes, o que é, pelo menos, contrário aos estatutos da Sociedade Nacional.

Expõem mais Joaquim Costa, Adriano Costa, Fernando dos Santos, Santos Júnior e Silva Júnior, de quem em números recentes já tratei. O último tem um rutilante estudo, *Festim de Nero*, e destaco-o, porque os pintores portugueses andam, não sei porquê, de mal com a imaginação. Os que se não contentam com a realidade, quási todos, vão até a anedota, e mais não dizem.

As senhoras, em quem não se bate nem com uma flor... de retórica, mostram-se agora inclinadas a cultivar interiores. Assim mandam os figurinos e os deveres da boa dona de casa. D. Berta Belmus Costa expõe dois *Interiores de arte*. Num dêles, principalmente, há pinceladas experientes. No *Estudo de Interior*, de D. Luísa Babo de Andrade, algumas notas estão certas. Em *No meu atelier*, de D. Berta Nery Durão, o primeiro plano é razoável. D. Mâmia Roque Gameiro estreia-se com outro Interior.

Como pastelista, figura pela primeira vez o escultor Júlio Vaz Junior. *Maria* é melhor do que *Aninhas*.

A Architectura inclui só dois nomes, Luís Cristino da Silva e Pardal Monteiro, com duas obras, *Edifício para comemorar grandes solenidades*, cujo destino confesso não perceber bem, e um *Palácio de comícios públicos*. É muito pouco.

#### EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA DE COSTA MOTTA SOBRINHO

Delicado, se bem um pouco mole, o barro a que Costa Motta sobrinho chamou *Alvorecer*: gaiato pudor duma nudez de entre-mulher, que o baptismo dum olhar masculino alvoroça e alegre! A petulância receosa, a desingenuizante es-